

CAMELÓDROMO DE PELOTAS:

Uma análise das condições dos trabalhadores informais

**ÁLVARO, Márcia Rosane Goulart Mesquita¹; MARQUES, Rodrigo da Cunha;
MORAIS, Miriam Feijó¹; RÖHNELT, Priscila Barcelos Cardoso²**

¹Alunos - Licenciatura em Geografia, Universidade Federal de Pelotas. zanamar22@yahoo.com.br;

²Universidade Federal de Pelotas – Departamento de Geografia. prirohnel@yahoo.com.br

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo o estudo do Camelódromo de Pelotas, levando em consideração suas características físicas e sociais. O Camelódromo de Pelotas fica situado, como na maioria das cidades brasileiras, no centro da cidade e é fonte de renda de centenas de pessoas. A metodologia da pesquisa possui caráter qualitativo, onde a partir desta pretende-se desvelar a relação entre os problemas existentes nos dias de hoje para a população diretamente envolvida nessa modalidade de trabalho: como a utilização do espaço físico, das condições de trabalho, e a composição de renda desses trabalhadores, cujos quais extraem desse lugar seu sustento.

2 METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)

A pesquisa que por ora se apresenta, encontra-se em estágio inicial, possui caráter qualitativo e será realizada a partir de observação participativa. Para haver uma imersão do pesquisador, junto a realidade local, para colhimento de dados e informações. A pesquisa de campo será subsidiada por pesquisa teórico-bibliográfica.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para entender melhor o surgimento do trabalho informal devemos voltar ao passado, no processo civilizatório e surgimento das cidades com os diversos problemas de desagregação social, agravados pela falta de planejamento. Outro dado importante a ser resgatado é que juntamente com o crescimento desordenado das cidades surge o capitalismo e o poder de consumo, trazendo problemas irreversíveis para a sociedade. Problemas esses que repercutem com maior intensidade a cada dia que passa.

3.1 Trabalho informal na vida dos camelôs

O trabalho formal é o nome dado para todo o trabalho remunerado sem registros como carteira assinada, fundo de garantia, emissão de notas fiscais, contribuições e contrato social de empresa. De acordo com os dados da Organização Internacional do Trabalho (OIT) atualmente existem no mundo interno

cerca de 300 milhões de trabalhadores nesta situação, sendo que no Brasil esse número ultrapassa 30 milhões. Essa situação se dá por causa do excesso de tributos, burocracia para atuar legalmente, desemprego estrutural, entre outros fatores, sendo a única forma para milhões de pessoas terem uma fonte de renda.

Já falando do outro lado, os consumidores, vêm nesse mercado uma alternativa na compra desses produtos por causa do desconto dos tributos no ato da compra mercadorias. É uma maneira de comprar produtos que se vendidos legalmente se tornam muito caros por causa da alta carga de impostos. Para se ter uma ideia da proporção desse mercado informal, caso essa atividade fosse legalizada, Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro teria um aumento em torno de 30%. Diante desse cenário, medidas políticas vem sendo tomadas como maiores vantagens tributárias para os empresários, garantindo os direitos dos trabalhadores e proporcionando valores mais acessíveis aos produtos.

A informalidade apresenta mais problemas do que vantagens. A informalidade gera grandes problemas para as empresas que pagam impostos em cima de seus produtos e também para os próprios trabalhadores informais porque eles não tem benefícios como férias, descanso remunerado, décimo terceiro, pagamento de horas extras, licenças maternidade e paternidade, e em caso de demissão não tem direito de aviso prévio de 30 dias, FGTS e multa de 40%, além de seguro desemprego. Esses problemas são o caso da maioria dos trabalhadores no Camelódromo de Pelotas. As maiorias dessas pessoas trabalham na informalidade sujeitas a todas as condições expressas acima. Além disso, os trabalhadores do Camelódromo de Pelotas estão expostos a condições físicas precárias porque trabalham muito tempo em pé, não tem um ambiente para grande circulação, ou seja, ficam condicionados em um pequeno espaço por muitas horas, pois a jornada de trabalho, muitas vezes, ultrapassa doze horas.

De maneira geral, as condições desses trabalhadores são perigosas e insalubres, observando-se a presença de múltiplos fatores de risco para a saúde e a ausência de dispositivos e mecanismos básicos de proteção. Somando-se a isso a ausência de proteção legal assegurada pela informalização do contrato de trabalho, o descumprimento de normas básicas de segurança, a ausência de fiscalização, além da falta de cobertura do seguro social e acidentes do trabalho.

Quanto a questão ambiental, que está ligada diretamente com a qualidade de vida desses trabalhadores. A questão do lixo é um dos problemas enfrentados pelos comerciantes e também pelos clientes. Plásticos, papelão, sacolas plásticas, embalagens velhas, restos de comida, entre outros materiais sem utilidade, e que poderiam ser reciclados, estão espalhados por vários pontos do camelódromo. Mas esse problema não é só de responsabilidade dos órgãos públicos. Deve haver uma consciência, não só dos trabalhadores - camelôs, mas também dos seus usuários - consumidores, em relação à educação ambiental.

3.2 O Camelodromo de Pelotas: Histórico

O camelódromo de Pelotas, inicialmente localizado no Largo do Mercado Público, um dos cartões postais da cidade, passou por um longo, demorado e tenso processo de negociação para ser transladado para o seu atual aporte, na praça Cipriano de Almeida, conhecida como “praça dos enforcados”. A antiga localização dos camelôs no centro histórico da cidade causava muito incômodo como demonstra a manchete do jornal Diário Popular, um dos veículos de comunicação mais lidos na cidade:

Por si só, o camelódromo situado no entorno do Mercado Público é um péssimo cartão de visitas para Pelotas, tendo em vista as más condições do local. Aliado a isto, o lixo e a sujeira acumulados cooperam ainda mais para agravar a situação, deixando antever que a Administração Municipal deve encontrar uma solução para o problema (Diário Popular, 22/07/97, p.2)

Diante à pressão da opinião pública, e devido a falta de condições adequadas para o trabalho, a municipalidade iniciou o processo de transferência dos trabalhadores. Inicialmente, em 1997, o camelódromo que se localizava entre as ruas Andrades Neves e Lobo da Costa, contava com uma capacidade de 165 bancas, de acordo com os jornais da época, mais de 30% da capacidade estavam vazias, e estas bancas ociosas eram negociadas em forma de aluguel ou venda pelos próprios camelôs para quem estivesse a fim de adentrar na profissão de camelô. Devido as péssimas condições de higiene do local, as bancas ociosas foram retiradas pelos fiscais da secretária, segundo matéria publicada pelo Jornal Diário Popular, em julho de 1997. Diante das pressões da mídia e dos trabalhadores informais, a prefeitura passa, em março de 1998, a agilizar o processo de construção do atual camelódromo. E em julho de 1998, com o fim das obras no novo local, Praça Cipriano Barcellos, realizou-se o início da transferência dos ambulantes. Muitos dos trabalhadores já estavam no antigo camelódromo a mais de dez anos, e a incerteza com o futuro diante do novo local fez com que surgisse um sentimento de temor, e o prazo de retirada foi estendido pela justiça a pedido dos camelôs. Conforme anuncia o Diário Popular:

Prazo dos camelôs termina e lima é tenso na cidade. A partir de amanhã nenhum ambulante poderá ocupar o entorno do Mercado Público Central, quem descumprir correrá o risco de ser retirado a força policial. (Diário Popular, 22/07/98, p.9)

Atualmente o camelódromo conta com mais de 400 trabalhadores distribuídos em um área coberta localizada em frente a Receita Federal. Cabe mencionar, que hoje já existem mais 200 camelôs atuando no centro da cidade, ou seja, fora da área destinada pela Prefeitura de Pelotas.

As bancas são ocupadas em sua totalidade, com as mais variadas mercadorias, onde se encontram: desde CDs (em sua totalidade pirateada) à eletrônicos como material de informática importados. Atualmente os consumidores que frequentam o camelódromo são de todas as classes sociais e o intenso movimento diário deixa os estreitos corredores ainda menores. No entanto, a insegurança com o futuro ainda é constante, seja devido a fiscalização policial ocorrer e a mercadoria ser confiscada, seja pelo seu trabalho ser incerto. E, logo, seu sustento, também.

[...] nunca se sabe como será um dia de trabalho, “se bom ou ruim”. Por isso alguns camelôs se encontram em um estado permanente de insegurança, instalada e somente sentida por aqueles que optam por correr os riscos a respeito do que é proibido - o contrabando não é exercido por 100% dos camelôs - e a partir desta escolha - revender mercadorias contrabandeadas ou pirateadas - a tensão e o medo se misturam à aceitação. (GOULARTE, 2008, p.60)

Como já mencionado, a pesquisa por ora encontra-se em estágio inicial. Neste momento, os camelôs de Pelotas estão vivendo um momento de transição e insegurança quanto ao seu futuro, devido a construção do shopping popular que comportaria os trabalhadores do camelódromo, neste espaço. No entanto, como os valores a serem pagos, com aluguel e manutenção do futuro espaço destas bancas, gera incertezas quanto ao futuro do trabalho e, pelo elevado custo para aquisição e

manutenção deste novo espaço, gera uma exclusão da maior parte destes trabalhadores, que não dispõem de condições financeiras para tal investimento.

Logo, o número de vendedores ambulantes que se instalam irregularmente no calçadão da cidade de Pelotas irá aumentar consideravelmente. Ou seja, a até mesmo no trabalho informal, há a exclusão.

4 CONCLUSÃO

Os chamados “camelôs” são trabalhadores informais, que foram destituídos de seus postos de trabalho no emprego formal, e que para assegurar o seu sustento e das suas famílias, aderiram a informalidade. Verifica-se que na maioria dos casos, esta não foi uma escolha e sim uma falta de opção. Uma vez, que o mercado de trabalho se encontra cada vez mais acirrado e excludente, pois cobra escolaridade cada vez mais elevada e atualização profissional. Neste caso, trata-se de trabalhadores que não possuem uma profissão, mas buscam nesta modalidade de trabalho, uma forma digna de se reproduzir social e economicamente, porém, com um futuro sempre incerto, frente aos constantes deslocamentos a que são submetidos, pois os seus locais de atuação são estipulados pela Prefeitura de Pelotas. Verifica-se uma constante insegurança e incerteza quanto ao futuro por parte destes trabalhadores, que além de não terem uma fonte de renda fixa para o sustento das suas famílias, ainda não sabem como e onde estarão exercendo seu trabalho no futuro.

5 REFERÊNCIAS

- ALVES, Magda Beatriz Brito. **Análise da Especialidade da Economia Informal em Pelotas-RS: Os Camelôs no Centro**. Pelotas: UFPEL, 2008. (Trabalho de conclusão de curso)
- DIÁRIO POPULAR. In: GOULARTE, Cláudia Cardoso. **Cotidiano, Identidade e Memória: Narrativas de Camelôs em Pelotas, RS**. Pelotas: 2008. (Dissertação de mestrado)
- GOULARTE, Cláudia Cardoso. **Cotidiano, Identidade e Memória: Narrativas de Camelôs em Pelotas, RS**. Pelotas: 2008. (Dissertação de mestrado)
- VIEIRA, Sidney Gonçalves. **A Cidade Fragmentada: o Planejamento e a segregação social do espaço urbano em Pelotas**. Ed. UFPel, 2005.